

**TEATRO POPULAR DE ILHÉUS, 25
ANOS - RESENHA**

Diogo de Oliveira Spinelli

Resenha: OLIVEIRA, PEDRO DE ALBUQUERQUE. Teatro Popular de Ilhéus 25 anos: a história do grupo que desafiou a lógica do fazer teatral em terra de coronéis. Ilhéus, BA: Teatro Popular de Ilhéus, 2021.

Review: OLIVEIRA, PEDRO DE ALBUQUERQUE. *Teatro Popular de Ilhéus 25 years: the history of the group that challenged the logic of performing in the land of colonels* [Teatro Popular de Ilhéus 25 anos: a história do grupo que desafiou a lógica do fazer teatral em terra de coronéis]. Ilhéus, BA: Teatro Popular de Ilhéus, 2021.

Diogo de Oliveira Spinelli¹

1. Mestre em Artes pelo Programa de Pós-Graduação do Instituto de Artes da UNESP, integrante do Grupo de Teatro Clowns de Shakespeare (Natal/RN) e editor e crítico do site Farofa Crítica (Natal/RN). E-mail: <spinelli.diogo@gmail.com>. ORCID: 0000-0001-9989-2288.

O teatro brasileiro contemporâneo a partir da produção do interior baiano: desmontando lógicas da historiografia hegemônica

Tendo como ponto de partida os vinte e cinco anos de atividades ininterruptas do grupo Teatro Popular de Ilhéus (TPI)², comemorados no ano de 2020, o livro de autoria de Pedro de Albuquerque de Oliveira se constitui como importante documento para a historiografia do teatro brasileiro contemporâneo – sobretudo, aquele realizado fora dos principais eixos econômicos do país.

Ao registrar a trajetória exemplar, e ao mesmo tempo singular, de um grupo longevo proveniente de uma cidade do interior do Nordeste (Ilhéus, localizada a mais de quatrocentos quilômetros de Salvador/BA), a obra, a um só tempo, celebra o percurso traçado de forma coletiva pelo grupo ilheense e aponta as dificuldades e as alternativas encontradas pelo coletivo para sua manutenção neste quarto de século. Desse modo, a leitura da obra explicita a necessidade da existência, criação, manutenção e ampliação de políticas públicas para que casos como o do TPI, fundado pelo dramaturgo, diretor e ator Êquio Reis, se tornem cada vez mais numerosos e mais viáveis por toda a extensão do território nacional.

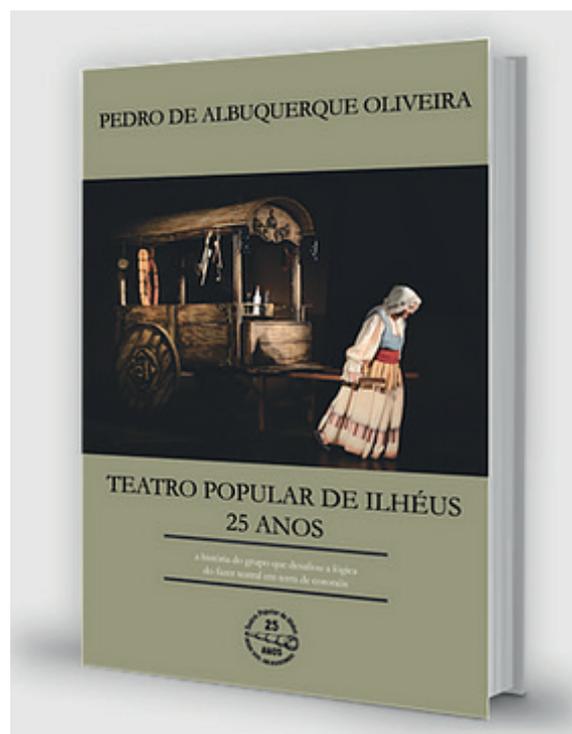
O livro possui dois capítulos principais, sendo composto também por uma “Apresentação” (assinada por Romualdo Lisboa, diretor do Teatro Popular de Ilhéus), uma “Introdução”, um “Apêndice” e um terceiro capítulo, intitulado “O futuro - Considerações finais”, que visa arrematar o conteúdo exposto nos capítulos anteriores.

O primeiro capítulo, denominado “Ser ou não ser – Definindo conceitos” busca introduzir ao leitor, de maneira geral e sucinta, três conceitos para que se possa compreender a produção do TPI, sendo eles: Teatro (e teatralidade), Teatro Popular e Ilhéus. Na primeira parte do capítulo, o autor amplia a noção de Teatro (Ocidental) para a de Teatralidade, entendendo que esta última abrange características passíveis de serem observadas nas manifestações e festejos da cultura popular. Há neste trecho uma instigante reflexão do autor, ao analisar que no Brasil, o termo “popular” quase sempre está associado às culturas e às pessoas não-brancas.

Nesse sentido, não deixa de ser contraditório que no trecho seguinte do capítulo, dedicado a conceituar o Teatro Popular, as referências utilizadas pelo autor tragam à baila a *Commedia dell'arte* italiana e o *Théâtre National Populaire* (TNP) francês, mas não incluam as teatralidades populares das manifestações culturais brasileiras de origem afro-indígena, sem enfatizar como essas se fazem presentes nas obras do TPI. Essa opção, talvez, revele as limitações de certa escrita acadêmica que, mesmo possuindo objetivos decoloniais, ainda se vê refém de um referencial teórico eurocêntrico.

O último trecho do capítulo é dedicado a um breve histórico da cidade de Ilhéus, que teve seu apogeu econômico no início do século XX, quando se tornou a maior produtora mundial de cacau. O autor destaca a perspectiva coronelista que moldou (e de certa maneira, continua a moldar) o imaginário cultural da cidade, fazendo com que manifestações da cultura popular sejam pouco valorizadas e incentivadas por aqueles que detêm os recursos financeiros na região. À

2. Mais sobre o grupo, em: <https://www.teatropopulardeilheus.com.br/>



luz desse contexto coronelista e elitista presente não apenas em Ilhéus, mas que, em maior ou menor grau, prossegue vigente em todo o Brasil, os feitos do TPI se tornam ainda mais admiráveis e dignos de destaque.

É no segundo capítulo, intitulado “Teatro Popular de Ilhéus – A trajetória”, que passamos a acompanhar de fato a história do coletivo ilheense. Os vinte e cinco anos de trajetória do grupo foram divididos pelo autor em três momentos distintos, de acordo com o local/sede que o grupo ocupou e ocupa atualmente. Assim, temos um momento inicial, que contempla os anos de 1995 a 2002; um segundo período entre os anos 2002 e 2013, no qual o coletivo administrou a Casa dos Artistas, num antigo casarão localizado no centro de Ilhéus; e um terceiro momento, de 2013 até a atualidade, no qual o grupo ocupa a Tenda Teatro Popular de Ilhéus, sua sede própria.

Sendo o livro derivado da pesquisa de Oliveira de conclusão da Pós-Graduação em Gestão Cultural pela Universidade Estadual de Santa Cruz (UESC), fica claro ao leitor o enfoque escolhido pelo autor para abordar a trajetória do grupo ilheense. Assim, o relato proposto por Oliveira tem como ponto central as atividades administrativas e as ações de caráter político-social desenvolvidas pelo coletivo, não detalhando aspectos artísticos nem fornecendo relatos pormenorizados dos processos de criação que permearam os quase quarenta espetáculos realizados pelo TPI.

O impressionante número de trinta e nove obras teatrais de autoria do grupo – que revela uma média de três novas estreias a cada dois anos de atividade – somente é apresentado ao leitor no “Apêndice” do livro, que é constituído por um breve histórico das atividades artísticas do grupo ano a ano, complementado com os títulos e elencos de cada um dos espetáculos.

Nesse sentido, o leitor que possuir um interesse maior pelas questões artísticas vinculadas ao grupo deve ficar atento às esparsas, mas ainda assim estimulantes, informações sobre o assunto presentes ao longo do livro – como o fato de que “Da história às estórias de Gabriela e seu Amado” (2002) contava com cem pessoas no elenco – e ao vasto e rico acervo de fotografias que permeia a edição, cujas legendas dão preciosas pistas sobre as produções. Como exemplo, é a partir de uma dessas legendas que sabemos que “Vida de Galileu” (2010) possuía quatro horas e meia de duração e acabava com um jantar servido ao público no final da obra.

No cenário de uma História do Teatro Brasileiro que ainda se vê muito restrita à produção paulista e carioca, Teatro Popular de Ilhéus 25 anos é uma obra que não apenas acrescenta à memória do Teatro de Grupo e do Teatro Brasileiro, como também inspira a todos e a todas que fazem teatro fora do eixo (e teatro popular) a continuarem em sua rotina incessante de criar, ao mesmo tempo que lutam por melhores condições de trabalho, de permanência, e de reconhecimento.

Submetido em: 15/06/2021.

Aceito em: 26/06/2021.

